

Editorial

A Inteligência Artificial e a Identidade do Pesquisador

Artificial Intelligence and the Identity of the Researcher



Paula Chimenti^{*1,2} 

O desenvolvimento e a disseminação em larga escala da inteligência artificial generativa (IAGen), entendida como aquela que é capaz de gerar conteúdo que se assemelha ao que pode ser feito por seres humanos, produzem questionamentos sobre o futuro de uma série de setores, como a educação. Muito se tem debatido sobre o futuro da pesquisa e dos pesquisadores. Seremos substituídos? Estaremos obsoletos em menos de uma década?

Acredito que não. Mas acredito que isto dependerá mais de nós do que do potencial das máquinas ou da evolução da tecnologia. Explico: a inteligência artificial continuará evoluindo e realizará tarefas cada vez mais complexas, isto já é sabido e esperado. O que me interessa saber (e para isto dedico este editorial) é que uso faremos dela.

A tecnologia, por si só, é desprovida de ética e moral (Eco, 2020). Ela nos oferece *affordances* (Bygstad et al., 2016) que podemos usar eticamente ou não, visando ao nosso benefício ou ao de um grupo maior de pessoas, focando o curto ou o longo prazo. Neste sentido, tenho visto e experimentado usos da inteligência artificial na pesquisa que nos permitem suprir barreiras cognitivas históricas e ampliar nossa capacidade de tratar dados, interpretar conteúdos e identificar padrões. Esta mente estendida (Clark & Chalmers, 1998) nos permite realizar tarefas e obter insights que não teríamos sozinhos, o que é maravilhoso.

O lado sombrio da mesma moeda é observar pessoas que tentam delegar para a IA a autoria, a criatividade e o pensamento crítico, buscando tão somente ter 'menos trabalho'. Destes, não vou me ocupar.

* Autora Correspondente.

1. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPEAD, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

2. Editora-chefe da RAC - Revista de Administração Contemporânea.

Como citar: Chimenti, P. (2024). A inteligência artificial e a identidade do pesquisador. *Revista de Administração Contemporânea*, 28(5), e240329. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2024240329.por>

Aqueles que usam IA com o objetivo de ampliar o universo de fenômenos que conseguem entender e explicar é que me interessam discutir. Qual a identidade como pesquisador de alguém que se tornou *assemblage*, no sentido deleuziano (Deleuze & Guattari, 1987), e agora é aquilo que era e no que se transformou ao juntar a si o potencial de artefatos computacionais que sabem de literalmente tudo. O que temos nesse caso? A ideia de ‘ferramenta’ dá conta daquilo que um grande modelo de linguagem é? Temos aqui um pesquisador usando uma ferramenta ou um aglomerado de elementos, uma *assemblage*, onde é cada vez mais difícil e menos útil delinear onde começa e onde termina a parte biológica do pesquisador. Seja como for, parece claro para mim que o uso de IA na pesquisa impactará a construção da nossa identidade como pesquisadores. Pensar sobre isso importa? Acho que sim se considerarmos que não é só esse o impacto do uso de IA na pesquisa. Literalmente em todas as fases da pesquisa já tem gente usando IA, como mostram os exemplos abaixo.

Concepção: Imagine que você tivesse a possibilidade de conversar sobre suas ideias de pesquisa com alguém muito sábio, que já tivesse lido tudo que foi escrito no mundo sobre um determinado assunto. É assim que se sentem meus colegas que interagem com algoritmos para debater temas e perguntas de pesquisa. Um aspecto muito interessante dessa troca é a possibilidade de expandir a nossa própria capacidade cognitiva, ganhando acesso a visões de mundo antes ocultas. Uma parábola comum na academia é a história do sujeito que perdeu a chave do carro e pede ao amigo ajuda para encontrá-la perto de um poste de iluminação. Após uma hora procurando sem sucesso, o sujeito diz ao amigo: “O problema é que eu não perdi a chave aqui, perdi no estacionamento”. Ao que o amigo retruca: “Então por que estamos procurando aqui há tanto tempo?”. E ele responde: “Porque é aqui que tem luz”.

Quando dizemos que subimos no ombro de gigantes para ver mais longe, é exatamente isto que estamos fazendo. Estamos iluminando mais as áreas já iluminadas e avançando por caminhos já trilhados. A princípio, não há nada de errado nisso e é assim que temos progredido ao longo dos séculos, sendo que de vez em quando as anomalias

se acumulam e aí somos forçados a mudar de paradigma e trilhar caminhos disruptivos.

Agora imagine que você possa interagir com uma inteligência artificial que não compartilha necessariamente da sua visão de mundo e que é capaz de criativamente juntar elementos que nunca seriam intuitivamente combinados pelo nosso modelo mental. Foi o que aconteceu com o AlphaZero, uma inteligência artificial desenvolvida pelo Google DeepMind, que recebeu as regras do xadrez e teve algumas horas para treinar jogando contra si mesma. O AlphaZero não apenas derrotou o Stockfish, até então o programa de computador mais vitorioso no xadrez, como também, segundo o grande enxadrista Kasparov, revolucionou a forma de jogar xadrez (Kissinger et al., 2021). Da mesma forma que os enxadristas observam o AlphaZero para reaprender a jogar xadrez, explorando outras possibilidades do jogo, nós podemos reaprender a observar a realidade a partir das conversas e provocações da inteligência artificial.

Design: os desenhos de pesquisa a que estamos acostumados respondem a uma necessidade de resolver a escassez de recursos. Historicamente, respondemos a nossas perguntas de pesquisa escolhendo entre abordagens qualitativas, que permitem observar muito de perto uma quantidade pequena de indivíduos, ou quantitativas, que permitem observar mais de longe e sem muitos detalhes um volume maior. O recurso escasso aqui é a capacidade analítica do pesquisador, que às vezes opta por abordagens mistas, buscando numa visão mais pragmática (Creswell, 2018) resolver estas questões.

A IA nos leva da lógica da escassez para a da abundância, provocando a diluição das fronteiras tradicionais entre pesquisa qualitativa e quantitativa, por exemplo, ao realizar análises interpretativas de grandes volumes de dados. Isso é possível a partir da incorporação de inteligência artificial no método de pesquisa, realizando rodadas de análise pelo algoritmo e pelos pesquisadores, num processo interativo e inovador, conforme a Figura 1 de Fonseca et al. (2023), em seu artigo *Using deep learning language models as scaffolding tools in interpretive research*.

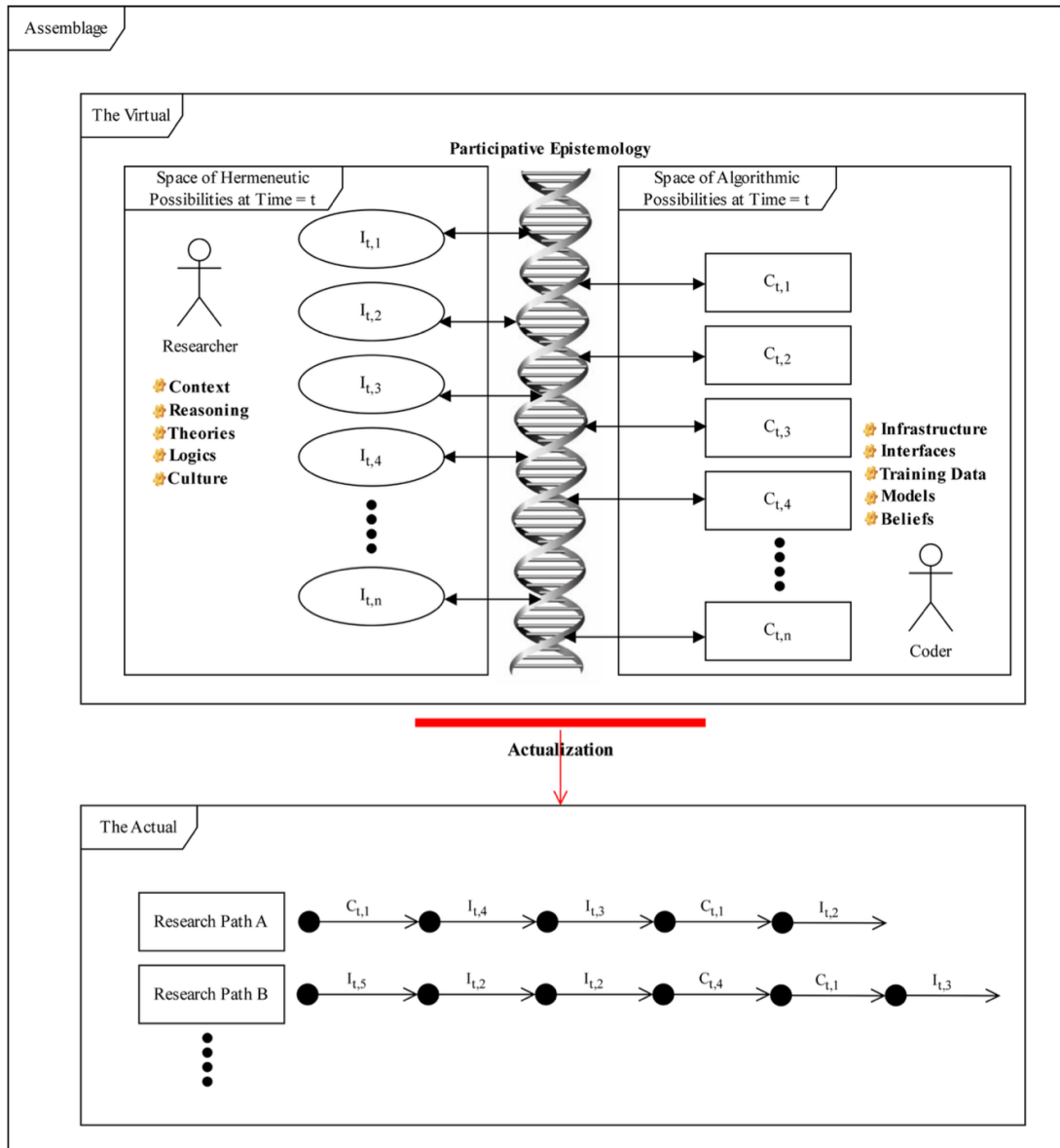


Figura 1. A ‘research-as-assemblage-framework’ for interpretive research in an era of data abundance.

Fonte: [Fonseca, A. L., Chimenti, P. C. P. S., & Suarez, M. C. \(2023\)](#). Using deep learning language models as scaffolding tools in interpretive research. *Revista de Administração Contemporânea*, 27(3), e230021. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023230021.en>

Coleta de dados: imagine obter informações valiosas sobre o comportamento dos consumidores sem precisar entrevistar nenhum consumidor? Alguns pesquisadores têm explorado com sucesso esta possibilidade. Isto porque é possível explorar a geração de dados sintéticos através do uso de grandes modelos de linguagem, realizando pesquisas que comparam (e eventualmente substituem) métodos tradicionais de coleta de dados, como *surveys*, por algoritmos treinados para se comportar como um determinado grupo de pessoas.

[Argyle et al. \(2023\)](#) conseguiram reproduzir os resultados das eleições americanas de 2016 solicitando ao algoritmo que se comportasse de acordo com algumas características predefinidas. Já [Horton \(2023\)](#) replicou experimentos de microeconomia com a IA (*Homo silicus*), obtendo resultados semelhantes ao de humanos. O uso de dados sintéticos pode substituir humanos em experimentos e outras situações, tornando algumas pesquisas viáveis.

Escrita e revisão: este tem sido o aspecto mais comentado sobre o uso de IA na pesquisa, mas, para mim, parece ser apenas a ponta do *iceberg*. Acredito que

os elementos que comentamos até agora têm um impacto potencial maior, mas é fato que o uso de inteligência artificial tem sido mais popular nesta etapa. Um dos motivos para tal é a possibilidade de derrubar barreiras como, por exemplo, a da língua. Quem nunca recebeu um *review* dizendo “favor passar o artigo por um *native speaker*”, por mais que tenha se esforçado para escrever num inglês perfeito? Pois bem, meus caros colegas, “*not anymore*”. Essa barreira caiu e, com ela, a vantagem de quem investiu anos a fio numa escrita acadêmica perfeita em inglês. Não vejo isto como um problema, mas como uma oportunidade. Se você garante a autoria do seu texto, a originalidade, responsabiliza-se por tudo que foi escrito e é absolutamente transparente no uso de IA, não há problemas em ter ajuda de um algoritmo revisor. É interessante notar como esta também é uma mudança que afeta a identidade do pesquisador, pois, de uma hora para outra, muitos que não se reconheciam como capazes de igualar a qualidade de texto dos artigos fundacionais que citavam passaram a se enxergar, nesse aspecto, pelo menos, como pesquisadores de nível internacional.

As iniciativas que listei acima são uma pequena fração do volume de pesquisas que estão sendo feitas usando IA.

Não tive nenhuma intenção de que fosse exaustiva. Meu objetivo foi apenas ilustrar as diferentes maneiras por meio das quais o uso de IA, além de gerar resultados que não poderiam ser alcançados de outra forma, tem potencial de produzir uma nova identidade de pesquisador. Discutir isso é relevante porque, como em qualquer situação em que uma nova tecnologia produz uma mudança radical na forma como operamos e nos enxergamos, nossa identidade pode ser afetada de forma paralisante. Já vimos isso acontecer com executivos que não se enxergavam como pertencentes ao novo mundo para onde seus negócios estavam sendo levados e, por conta disso, lutaram ferozmente contra mudanças que eram incapazes de evitar. Se a pesquisa acadêmica está, como parece, caminhando para uma situação em que IA fará parte, sem uma diferença hierárquica, como seria confortável supor, dos pesquisadores tornados *assemblages*, quem será você nesse novo contexto? Essa é uma pergunta difícil de responder. Não tenho uma resposta para mim agora. O que eu acho é que há uma identidade intermediária que precisamos desenvolver. A do pesquisador-*assemblage* que não fica imóvel diante de incertezas dessa magnitude.

REFERÊNCIAS

- Argyle, L. P., Busby, E. C., Fulda, N., Gubler, J. R., Rytting, C., & Wingate, D. (2023). Out of one, many: Using language models to simulate human samples. *Political Analysis*, 31(3), 337-351. <https://doi.org/10.1017/pan.2023.2>
- Bygstad, B., Munkvold, B. E., & Volkoff, O. (2016). Identifying generative mechanisms through affordances: A framework for critical realist data analysis. *Journal of Information Technology*, 31(1), 83-96. <https://doi.org/10.1057/jit.2015.13>
- Clark, A., & Chalmers, D. (1998). The extended mind. *Analysis*, 58(1), 7-19. <https://www.jstor.org/stable/3328150>
- Creswell, J. W. (2018). *Research design: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. Sage.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1987). *A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia*. University of Minnesota Press.
- Eco, U. (2020). *Apocalípticos e integrados*. Perspectiva.
- Fonseca, A. L., Chimenti, P. C. P. S., & Suarez, M. C. (2023). Using deep learning language models as scaffolding tools in interpretive research. *Revista de Administração Contemporânea*, 27(3), e230021. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023230021.en>
- Horton, J. J. (2023). Large language models as simulated economic agents: What can we learn from homo silicus? *arXiv*. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2301.07543>
- Kissinger, H., Schmidt, E., & Huttenlocher, D. (2021). *The age of AI*. Hachette Book Group.


Autoria

Paula Chimenti*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto COPPEAD de Administração

Rua Pascoal Lemme, 355, CEP 21941-918, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: rac-eic@anpad.org.br

 <https://orcid.org/0000-0002-6492-4072>

* Autora Correspondente

Conflito de Interesses

A autora informou que não há conflito de interesses.

Financiamento

A autora informou que não houve suporte financeiro para a realização deste trabalho.

Verificação de Plágio

A RAC mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, mediante o emprego de ferramentas específicas, e.g.: iThenticate.

Direitos Autorais

A autora detém os direitos autorais relativos ao artigo e concedeu à RAC o direito de primeira publicação, com a obra simultaneamente licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO E EQUIPE EDITORIAL PARA ESTA EDIÇÃO:

Conselho Editorial

Emílio José Montero Arruda Filho (UNAMA, Belém, PA, Brasil; UFPA, Belém, PA, Brasil)

Gabrielle Durepos (Mount Saint Vincent University, Halifax, Nova Scotia, Canadá)

Rafael Alcadipani da Silveira (EAESP/FGV, São Paulo, SP, Brasil)

Patricia Guarnieri dos Santos (UnB, Brasília, DF, Brasil)

Silvia Gherardi (University of Trento, Trento, Itália)

Editores-chefe

Paula Chimenti (UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

Editores Associados

Ariston Azevedo (UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil)

Carolina Andion (UDESC, Florianópolis, SC, Brasil)

Cristiana Cerqueira Leal (Universidade do Minho, Portugal)

Denize Grzybovski (IFRS, Erechim, RS, Brasil)

Elisa Yoshie Ichikawa (UEM, Maringá, PR, Brasil)

Fernando Luiz Emerenciano Viana (Unifor, Fortaleza, CE, Brasil)

Gaylord George Candler (University of North Florida, Jacksonville, Florida, EUA)

Gustavo da Silva Motta (UFF, Niterói, RJ, Brasil)

Keysa Manuela Cunha de Mascena (Unifor, Fortaleza, CE, Brasil)

Leonardo Marques (Audencia Business School, França)

Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães (CEFET-MG, Belo Horizonte, MG, Brasil)

Marlon Dalmoro (UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil)

Natália Rese (UFPR, Curitiba, PR, Brasil)

Orleans Silva Martins (UFPB, João Pessoa, PB, Brasil)

Tatiana Iwai (INSPER, São Paulo, SP, Brasil)

Corpo Editorial Científico

André Luiz Maranhão de Souza-Leão (UFPE, Recife, CE, Brasil)

Aureliano Angel Bressan (CEPEAD/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil)

Bryan Husted (York University, Canadá)

Carlos M. Rodriguez (Delaware State University, EUA)

Disponibilidade dos Dados

A RAC incentiva o compartilhamento de dados mas, por observância a ditames éticos, não demanda a divulgação de qualquer meio de identificação de sujeitos de pesquisa, preservando a privacidade dos sujeitos de pesquisa. A prática de *open data* é viabilizar a reproducibilidade de resultados, e assegurar a irrestrita transparência dos resultados da pesquisa publicada, sem que seja demandada a identidade de sujeitos de pesquisa.

Diógenes de Souza Bido (Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil)

Erica Piros Kovacs (Kelley School of Business/Indiana University, EUA)

Elin Merethe Oftedal (University of Stavanger, Noruega)

Fábio Frezatti (FEA/USP, São Paulo, SP, Brasil)

Felipe Monteiro (INSEAD Business School, EUA)

Howard J. Rush (University of Brighton, Reino Unido)

James Robert Moon Junior (Georgia Institute of Technology, EUA)

John L. Campbell (University of Georgia, USA)

José Afonso Mazzon (USP, São Paulo, SP, Brasil)

Jose Antonio Puppim de Oliveira (United Nations University, Japan)

Julián Cárdenas (Universitat de València, Espanha)

Lucas Ayres B. de Campos Barros (USP, São Paulo, SP, Brasil)

Luciano Rossoni (UnB, Brasília, DF, Brazil)

M. Philippe Protin (Université Grenoble Alpes, França)

Paulo Estevão Cruvinel (Embrapa Instrumentação, São Carlos, SP, Brasil)

Rodrigo Bandeira de Mello (Merrimack College, EUA)

Rodrigo Verdi (MIT Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, EUA)

Valter Afonso Vieira (UEM, Maringá, PR, Brasil)

Editoração

Diagramação e normas da APA: Eduarda Pereira Anastacio (ANPAD, Maringá, Brasil); Simone L. L. Rafael (ANPAD, Maringá, Brasil).

Periodicidade: Publicação contínua.

Circulação: Acesso totalmente gratuito.

Indexadores, Diretórios e Rankings

Scopus, Scielo, Redalyc, DOAJ, Latindex, Cengage/GALE, Econpapers, IDEAS, EBSCO, Proquest, SPELL, Cabell's, Ulrichs, CLASE, Index Copernicus International, Sherpa Romeo, Carhus Plus+, Academic Journal Guide (ABS), DIADORIM, REDIB, ERIHplus, OAJI, EZB, OasisBR, IBZ Online, WorldWideScience, Google Scholar, Citefactor.org, MIAR, Capes/Qualis.